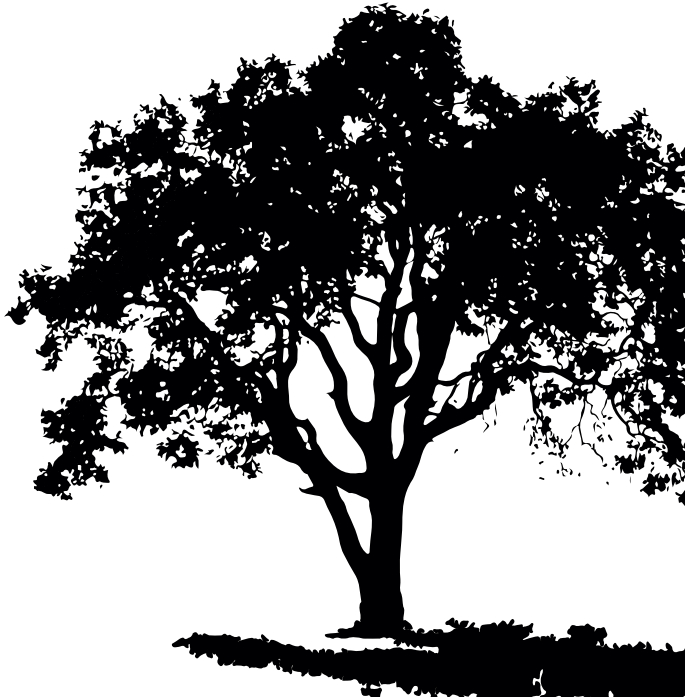




um nome  
inabitável

victor prado



ARTEFATO  
EDIÇÕES

um nome  
inabitável

victor prado



## **Artefato Edições**

artefato.art.br

fb.com/conjuntoartefato

conjuntoartefato@gmail.com

edição // **Ana Teresa Costa**

assistência editorial // **Juliana Previato**

revisão // **Lígia Sene**

foto de capa // **Igor Do Vale**

diagramação // **Victor Prado**

© ⓘ ⊖ Victor Prado, 2018.

2ª edição.

28 p. a5.

franca, sp

inverno, 2018.

|

*"Tanto Deus como eu estamos perdidos.  
E isso é o começo de tudo"*

*Thomas Merton*

you me dismantles equal to  
scientists at nasa dismantle the  
myths of the universe

and you err  
your aim is a knife  
blind and hurts more than  
cutting paper

you are blind  
but not with your eyes

your hands are sand  
and everything that is solid passes  
directly between  
your fingers

puta que pariu

my inheritance is a nervous gastritis  
and the lack of photos  
which is, also, a symbol

your memory is that of absence

remembering absence is something terrible  
absence seizes even the last and solitary  
grain of rice left on the plate

it seizes even the days that you came

a ausência se apossa de todas as lembranças  
e queima teu rosto até que eu não saiba  
mais dizer se você estava ou se tinha dado  
uma desculpa  
até que você não esteja em lugar algum  
até que não haja lugar algum.

a carne se desfaz na boca  
se torna ar  
e some

o arranque são os aplausos  
e a discordância dos ânimos:  
o lume bêbado

eu cuspiria pedrinhas brilhantes  
e seria uma espécie de som  
uma nota musical

um bicho flutuante

um cavalo de crinas densas voando pelo mato  
e  
tirando as casas de suas pessoas  
e  
tirando do interior do ar  
a natureza infratora dos sorrisos

me sirva uma cadeira  
eu me molho,  
me afundo, me sirva um fio  
d'água, um pé de moleque  
eu me tento

se antes era fácil explodir  
a pele em cada compasso  
antes continuará sendo

aqui somos um emaranhado de fios  
cada linha faz um ponto  
cada ponto é feito de agulha

avoe além do voo  
além da mão que tece ladrilhos  
além da resistência do ar

II  
chega o momento dos ladrões

sabotamos nossos próprios sentidos  
e brindamos com água de enxague  
a inquietude que precede as pegadas

III  
depois dos olhos  
brotam as nuvens  
para além da descida, as plumas onduladas  
de água limparão da pele as garras de gesso

e eu  
mais que cal e cimento  
terei as horas necessárias  
para sorrir os dias.



diante da porta: um fluxo  
o sopro do vento: teus dedos

as pontas seguram o instante,  
tatuam o tempo –

as horas de uma infância:  
as folhas, os pastos,  
as vidraças, os passeios,  
o avô, a mãe, a avó,  
os pássaros, o telhado.

não haviam listas de coisas  
que se costumavam fazer  
nem era preciso saber  
transplantar a resistência  
dos chuveiros

após as vigas, os batentes  
logo depois da janela:  
um urubu

teus dedos: o sopro do vento

folheamos um livro  
e seguimos um mapa

queríamos encontrar a nós mesmos

atrás da porta: outra coisa

nossa cama vertical  
pairando as coceiras das manhãs

teu corpo deveria ser  
a corrente do pacífico ou  
do atlântico e me levaria  
pelos teus líquidos

lá de cima: pontilhados  
lá de cima: roxas horas

e nós seríamos o líquido quente –  
a tatuagem: um nome inabitável.

é sempre uma complicação quando me perguntam  
sobre os carrapatos da minha infância e  
pedem que eu os explique

e tento dizer que isso não dá  
que esses carrapatos são bichos e  
não cabem numa pergunta,  
muito menos numa explicação

mas eles querem ouvir as histórias como se  
fossem manuais  
de vida a serem seguidos

mas as histórias são  
um menino que não entra  
na cabeça, um pedaço de papel  
que não cabe nas mãos.

é esse mesmo abismo a frente  
que joga comigo

é também um outro  
que me corta  
e tanto sobe meus pelos  
e me olha:

*não adianta fadigar a língua*

*é preciso ama-la  
e ser abandonado por ela*

*é preciso perder-se dela na multidão*

*é preciso beijar sua vergonha  
lambe-la e prolongar  
seu êxtase  
para, então, suspende-lo.*

*é preciso alargar a língua  
com teus dedos*

na hora x, acontecem todas as coisas  
todos se levantam de uma maneira imprudente

os imprudentes não verão as férias  
os trabalhadores também não

sobra à carne o destino de ser churrasco

alguém pregou um aviso na geladeira  
alguém pisou no barro e trouxe o passado  
ao piso

alguém indefinido não pode ser sujeito de coisa alguma

não há como conciliar a inexistência da memória  
e a possibilidade de se possuir algo

II

na manhã de ontem havia um sol e uma sombra  
me deitei com ambos sem tua presença  
sem tua consciência

e te abracei quando te vi  
não houve nota sobre isso  
mas tudo era outro

III

quando passamos a ocupar a casa  
esperamos que ela nos adote  
esperamos que ela nos abrace

nos acolha como a mãe  
nos seja carne e osso e sangue e sopro

então, seremos cimento e canos e fios e portas e  
janelas e interruptores e tijolos e cabos e telhas?

IV

o fardo é um conjunto de palavras: eu quero existir

algo que não se faz na prática  
algo que não se assume em público

à carne o destino de ser carne

V

então, o que há de distinto nos teus dedos,  
além de que eles existem sem que eu os veja ou os sinta?

transpor o curso da mão  
e deixar que o verbo sedimente  
trazer um novo rumo  
embaixo das unhas

então,  
deixa o teu peito  
descansar a enxada  
no colo da terra

reabre os teus pulmões  
como dois portais  
e percebe a infiltração  
que possui o teu corpo

siga a inconstância  
dos números e faça mapas  
para que afundemos na areia movediça da fala

II  
a gente tinha essa coisa  
de falar a verdade:

nosso nariz nunca cresceria  
e nunca seríamos os filhos dos outros

nossa casa era viva  
e nós também

sábado a vida toda, alguém me explica?  
já foram os tempos das sementes  
hoje cactos  
compramos areia para enfeite  
compramos fitas para disfarce  
um som um som  
só  
e dedos que engatinham em cima dos ponteiros

vire a maçaneta, vire  
e você vê  
você vê o futuro  
teus olhos de girassol  
o futuro que só você vê

minhas mãos mentem o roteiro  
minha mãe nunca mentiu para se safar  
eu virei escritor.



||

*"O passado - que não existe - é talvez  
minha única invenção gloriosa."*

*Passamanaragem - Leonardo Fróes*

na rua, eu ando torto

as samambaias crescem  
em meus braços  
com ternura  
plantam em meus  
ossos, suas raízes

o peso frágil  
deste lugar,  
a frágil espessura do tempo  
sem ponteiros

na rua  
não adianta  
andar reto:

anda-se como  
pedras numa ladeira:  
bêbadas

eu sou uma casa abalada  
afundando sobre seu próprio território

há um caos nas imagens

flutuo como um peso  
projeto meus ossos  
sobre minha carne

sublimo

não lembro de ver tua partida  
foi de trem? de ônibus? a pé?

você foi embora deste território úmido  
como só uns poucos o fizeram  
e eu não me lembro

é certo que  
me disse adeus  
é certo que  
a despedida encheu  
nossos corpos com  
a embriaguez  
do chão

-

agora,  
a montagem de uma imagem:

nossos corpos quentes  
e maleáveis,

colocamos nesses corpos a nudez

e o silêncio

.

as gotas  
poucas  
tontas de sal

meus olhos ardem  
de oceano

meu dorso treme

um passo  
um poço

eu sou alguém que morre

embaixo desta luz, pareço um santo,  
mas morro

morro porque sou de carne  
e meu sangue não se aguenta

não tenho água nos pulmões  
para assoprar chuvas fortes,  
mas tenho no corpo esta força  
que rebenta  
e explode a porra toda

debaixo desta luz,  
aqui por perto, no beiral das horas,  
os homens continuam  
a alvejar suas tristezas

aqui dentro  
existe um deserto à espreita

numa oportunidade de pedras  
numa manhã pesada  
eu sou alguém que morre  
quando o abrir do portão  
não é abrir-se ao susto

por um futuro que seja agora  
ouço a tristeza

dos escorpiões:  
indigentes afogados no entulho cheio de quebranto

um dia  
num dia  
todos nos vemos unidos  
no abandono das abelhas

e ensaiamos,  
repetimos,  
mas o ato de sorrir  
nunca alcança a certa cólera  
para derruba-la de sua posição firme

me alugue hoje  
como sangue de  
lua cheia

toque a minha terra em sua espinha dorsal  
se enfie em minha carne como sal grosso  
e dê ao meu passo o teu tempero

trace um mapa estelar para convocar  
as profundas veias do não-visto  
a agirem, a saltarem em aviso

seus dedos só conhecem o brilho amargo  
da cidade

uma única cidade:

perfdia e aleive

um rito do não-rito  
tua voz sem-palavra

símbolos de uma pedra que não reverbera

fugaz, o cavaleiro, em cima das costas suadas  
do alazão feito fumaça,  
corre  
por onde as unhas crescem

é difícil prever aquilo que está a nossa porta

estamos numa rua com nome militar  
e ao redor  
sentimos o ressoar pesado e cheio de ferro das horas

meu olhar é arbóreo,  
minha língua vermelha  
delira ao imaginar as carícias  
que a terra guarda para as raízes

aos 11 anos, eu estava destinado a ser santo;  
mas no meio deste tempo, sucedeu a vida  
e furtou-me a ingenuidade



num tonto relógio  
soluçam e berram os parentes  
que nunca tive

eles possuem cores abertas,  
e cintilam igual vitrais ao entardecer  
envoltos de uma paixão descomunal

mas eu nunca os tive,  
nunca saberei o calor morno  
de seus peitos aquáticos  
ao arquearem os braços a mim

aos 11 anos

homérico, o tamanho da peste  
nos meus olhos

eu, no carro, a inúmeros metros por segundo,  
o sol no horizonte tardio,  
as árvores como candelabros  
acesos numa vigília,  
as nuvens, como enormes montanhas frágeis

eu, ardendo em mim e sabendo  
que o asfalto é ilusão: canto inebriante de fuga

sereia amável e traiçoeira

celebre cativo

-  
minha pele aos 11 anos era de outra cor,  
um outro tom

o asfalto da rua era novo  
e o afogamento das aves  
nos cabelos do entardecer  
fazia os olhos mais leves

mas

um inseto mergulha:  
afunda no café

denso, meu dorso restringe a si  
num passo viciado

as estrelas, ao longe, cantam  
grandes  
vozes líquidas  
grandes dedos nos meus cabelos  
a acariciar meus sonhos

azedos  
como pequenos ouvidos entupidos

-

a fruta a seiva  
o veneno

a artéria profunda  
lotada  
os músculos esburacados

meu corpo minando  
com essa luz ao fundo  
com essa sombra estrondosa

fora desse lugar possível  
numa tangente sem toque:

um movimento que se dissolve:

teu braço  
    que se estende pelo  
antebraço  
    desce pela mão  
    chega às falanges  
    e tateia

-

*teu nome é um lugar inabitável.*



ARTEFATO  
E D I Ç Õ E S



minhas mãos mentem o roteiro  
minha mãe nunca mentiu para se safar  
eu virei escritor.